

VASSOURAS: O FESTIVAL DO VALE DO CAFÉ E O CORTEJO DE TRADIÇÕES EM 2014

Autora: Helenise Monteiro Guimarães¹ - heleng46@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem por objetivo apresentar dados de nossa pesquisa de campo na cidade de Vassouras, no Estado do Rio de Janeiro. Abordamos construções relativas aos rituais festivos e de preservação de patrimônios históricos desta região, tendo como eixo a análise das questões relativas à convivência entre a cultura popular, turismo, legado cultural e suas consequências. Na abordagem desta cidade histórica, buscamos revelar a trajetória do Festival do Vale do Café e como estudo de caso, o "Cortejo de Tradições", evento de sua programação que reúne manifestações folclóricas tais como as "folias de reis", o "calango", a "cana verde", o "jongo" e outras, num desfile processional que percorre as ruas da cidade e se instala festivamente na Praça Barão do Campo Belo.

Palavras chaves: cultura popular, turismo, patrimônio histórico

Abstract

This paper aims to present data from our field research in the town of Vassouras, State of Rio de Janeiro. Approach constructs relating to festive rituals and preservation of historical heritage of this region, having as axis the examination of issues relating to coexistence between popular culture, tourism, cultural heritage and its consequences. The approach of this historic city, we seek reveal the trajectory of the Festival of the Vale do Café. As a case study, the "Cortejo de Tradições" event programming that meets their folkloric expressions such as "follies of kings", the "calango" the "green cane", the "jongo" and others in a processional parade through the streets of the city and settles festally Baron Piazza del Campo Belo.

Key words: popular culture, tourism, historic heritage

Olhares reveladores do Vale do Café: Vassouras, Joia dos Barões

No ano de 2013 iniciamos uma série de viagens pelo Vale do Paraíba, cujo roteiro compunha-se de um conjunto de cidades históricas, movidos pela vontade de conhecer suas festividades, seus ritos e seu patrimônio histórico, entre elas, Paraty, Visconde de Mauá e Vassouras.

Este artigo, integrando a publicação do projeto de extensão da UFRJ, Patrimônio e Turismo no Vale do Café: Vassouras (Rio de Janeiro) parte de uma experiência *in loco*, denominada Olhares Culturais em Vassouras, que reuniu estudantes de artes, de arquitetura, pesquisadores de gestão cultural e professores de História da Arte e Teoria da Arquitetura, cada um com uma tarefa: caminhar pela cidade de Vassouras absorvendo de suas paisagens, novas experiências.

¹ Professora Adjunta IV departamento de História e Teoria da Arte/Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro / Pós-Graduação em Artes Visuais. PPGAV/EBA/UFRJ. Líder do Núcleo de Estudos Carnavalescos e Festas – NesCaFe.

Este artigo trata tanto destes olhares quanto das questões que eles revelaram e que vem revelando, tanto mais nos aprofundamos no estudo das cidades, seus habitantes, suas memórias e a noção do pertencimento aos locais. Na medida em que este pertencimento nos causa um estranhamento, haja vista nosso papel de "estrangeiros" e de pesquisadores, desenvolvemos aqui algumas questões que não se esgotam neste texto, mas pretendem estabelecer indagações. Pensar e olhar a cidade de Vassouras estabeleceu não só um prazeroso passeio em suas ruas, mas nos levou a abraçar a indagação dos elementos que a colocam como polo turístico.

Turismo e a sedução do desconhecido como campo de estudos

Em nossas pesquisas sobre festividades urbanas nos deparamos com uma questão que vem se tornando crucial pelos fatos que a delimitam em seu próprio campo de análise, o estudo do turismo, seu histórico, suas conseqüências e sua valorização enquanto campo de conhecimento e produtor de indagações². O "turismo" como atividade pressupõe o deslocamento de pessoas de seu local de origem a um destino e retorno, provocando alterações econômicas, políticas, culturais sociais e ambientais como poucos fenômenos sociais puderam promover ao longo da história da humanidade. Visto geralmente apenas do ponto de vista econômico e muito mais relacionado ao lazer, o turismo vem merecendo outras considerações dos campos das ciências sociais, tais como a antropologia, sociologia e geografia.³ Sobretudo no século XX, a atividade turística expandiu-se numa escala impressionante, não só em seu formato usual das viagens e promessas paradisíacas, mas, sobretudo, pelo crescente interesse gerado por tais atividades nas comunidades científicas. Os impactos na natureza despertaram a atenção de biólogos e ecologistas, os reflexos nas populações e localidades que o recebem despertaram indagações de sociólogos e antropólogos e, no que tange aos efeitos do turismo sobre os bens culturais, cultura material e patrimônio histórico, destas questões tem se ocupado historiadores e arquitetos. Mas a primazia destas indagações se deve aos geógrafos, que inauguraram a pesquisa do turismo a ponto de criar uma disciplina especializada: "geografia do turismo", hoje incluída nos cursos universitários. (BARRETO, 2003, p.7).

Aprofundando um pouco mais esta reflexão nas palavras de Dias, que coloca que o turismo pode também ser definido ou entendido como um fenômeno social complexo ao implicar numa série de relações sociais em muitas esferas da vida social, acentuando seu importante papel socializador, "pois permite o encontro entre pessoas de diferentes culturas, favorece a sociabilidade das pessoas que se encontram nas viagens numa condição psicológica altamente favorável a novos contatos sociais" (DIAS, 2003, p.30). Segundo este autor, há um papel humanizador do turismo a partir do momento em que ele estreita o relacionamento global dos indivíduos, na medida em que se intensificam as

² Para embasamento teórico sugerimos: Álvaro Banducci Jr. Margarida Barreto (Org.) Turismo e identidade local: Uma visão antropológica. São Paulo: Papirus, 2001. Nelson Grabum (et al) Turismo e antropologia: Novas abordagens São Paulo: Papirus, 2009. Margarita Barreto, Turismo e Legado Cultural, São Paulo: Papirus, 2000. Reinaldo Dias, Sociologia do Turismo, São Paulo: Atlas, 2003.

³ Segundo Barreto, "Em nível mundial, assim como no Brasil, o maior volume de estudos científicos sobre turismo prove das ciências econômicas ou administrativas, que analisam o crescimento e a movimentação de capitais baseados na chamada "indústria do turismo", ou seja, dos negócios turísticos. Mas estes aspectos constituem apenas parte dessa atividade que vem se configurando como um fato social total" (BARRETO, 2009, p.55).

interações sociais e descobrem-se costumes e hábitos que até então eram estranhos e que com o contato, passaram gradativamente, a ser apenas diferentes, fazendo parte desse enorme e complexo contingente humano que domina o mundo conhecido. Portanto, a razão de ser do turismo, a busca do exótico, do diferente, nada mais é que a busca do homem por conhecer a si mesmo (DIAS, 2003, p.31).

Apresentando questões tão instigantes, não é de espantar que seja detectada uma evidente polarização na forma de compreensão do que é o turismo nos dias atuais (e sua trajetória histórica), posto que encontramos a oposição de ambientalistas e/ou preservacionistas disputando seus argumentos com as esferas oficiais e empresas turísticas, estas, representando o poder econômico, que tem sido o suporte e razão dos empreendimentos desta atividade. A questão se apresenta sob variados aspectos, a maior parte encerrando polêmicas, mas, como acentua Barreto, revelando a disputa entre o poder econômico e de barganha política que na maioria das vezes vence a disputa contra os argumentos de ambientalistas e defensores do patrimônio histórico e social da humanidade (BARRETO, 2000, p. 8).

A harmonia entre a convivência do turismo e o legado cultural é um dos aspectos que examinamos, sobretudo na abordagem de cidades históricas e manifestações culturais, no sentido em que estas tendem a ser inseridas no contexto do "produto turístico" e, por conseguinte, o próprio turismo possa ser compreendido como estímulo à manutenção da identidade das populações receptoras (BARRETO, 2000, p.8). Pretendemos, em breve exposição, tratar de algumas indagações que nos levem a refletir sobre caminhos que apontem o quanto ainda existe para ser (re) pensado numa visão isenta (ou quase) de laços afetivos dos locais visitados.

Vassouras: Buscando uma identidade turística

Em 2011, organizado pelo Instituto Geográfico e Histórico de Vassouras, o I Congresso Nacional de História e Geografia do Vale do Paraíba trouxe para os debates as ações oficiais relacionadas a questões de patrimônio cultural e das políticas de preservação dos bens tombados, temas que se relacionam com a cidade de Vassouras e seu papel no conjunto de cidades do Vale do Paraíba. Mesmo diante do esforço para a afirmação contínua de Vassouras como um polo turístico, fica bem clara a existência de uma problemática relacionada à dificuldade da preservação de seus monumentos, dificuldade esta que foi observada em nossa experiência de campo. Com bastante veemência Olinio Gomes Coelho⁴ ressalta estas dificuldades.

A Portaria Iphan nº12, de 1986, considerando que o conjunto arquitetônico e paisagístico de Vassouras é parte integrante do patrimônio histórico e artístico nacional, determinou sua proteção com o tombamento de seu centro urbano e vizinhanças especialmente denominadas. Vassouras é um dos poucos municípios brasileiros contemplado com especial proteção federal de seu patrimônio cultural (COELHO, 2011, p.224).

⁴ Olinio Gomes Coelho é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, realizador do citado congresso, que teve apoio da prefeitura Municipal de Vassouras, do Conselho regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Rio de Janeiro – CREA-RJ e do Centro de Letras e Artes da Universidade federal do Rio de Janeiro.

Continuando, assim, a busca pelas estratégias de uma estrutura de planejamento turístico para Vassouras, nos deparamos com algumas iniciativas oficiais que mantêm a vitalidade da atração desta cidade, sobretudo pela sua importância como polo cultural do Vale do Café, como o Festival do Vale do Café e a tradicional festa da Folia de Reis, que ocorre no mês de janeiro.

Os grupos de Folia de Reis realizam a entrega de suas bandeiras e tocam o tradicional chula. Os foliões revivem a passagem de visitação ao Menino Jesus feita pelos três Reis do Oriente (Belchior, Baltasar e Gaspar), que passaram a ser santos no século VIII. Durante o ano, as folias de Vassouras se apresentam em eventos organizados pela prefeitura. Treze grupos pertencem à Associação de Folias de Reis de Vassouras, como Jardim do Éden, Família Teixeira, Boas Novas de Belém e Viagem dos Três Reis. A Associação é responsável pelo projeto Folia Mirim Pequenos Foliões, que é Ponto de Cultura e tem o objetivo de manter viva a tradição das folias. Assim, todas as 4as e 5as à tarde acontecem aulas sobre a história das folias, além de oficinas de violão, sanfona e outros instrumentos, para que as crianças conheçam e deem continuidade às folias de reis. As aulas acontecem na sede da associação⁵.

Estes eventos revelam que, em consonância ao seu rico patrimônio histórico, Vassouras mantém tradições que remontam ao seu passado colonial, mas também estimula novos modelos de festividades, em que detectamos o encontro entre o comportamento festivo e o comportamento turístico como formas de revitalização de memórias afetivas e incentivo a novos atrativos culturais. Mais adiante retomaremos estes comportamentos e suas particularidades.

Da natureza e seus arbustos nasce uma cidade: Vassouras, Princesinha do Café

Vassouras nasce de uma sesmaria recebida pelo açoriano Francisco Rodrigues Alves e de Luís Homem de Azevedo, em 5 de outubro de 1782, denominadas "sertão da serra de Santana, Mato Dentro por detrás do Morro Azul" e posteriormente chamadas "sesmaria de Vassouras e Rio Bonito". Da região, onde abundava o arbusto, chamado piaçava ou mesmo vassourinha, do qual se fabricavam vassouras veio o nome de batismo da cidade. A região, denominada Caminho Novo era o elo de escoamento entre Minas Gerais e o porto do Rio de Janeiro no período do Ciclo do Ouro. Elevada a Vila em 1833, por sua localização geográfica que a aproximava da Freguesia da Sacra Família, demonstrou também um grande impulso em seu desenvolvimento urbano que a diferenciou da Vila de Paty de Alferes. Porém o que a torna mais atrativa no início do século XIX se deve ao grande desenvolvimento econômico da região do Vale do Paraíba do Sul, em contraste com o esgotamento do ciclo do ouro e o incremento do ciclo do café nesta região. Decorrentes destes fatos e da exportação do café pelo Rio de Janeiro, a pequena vila se eleva a categoria de cidade em 29 de setembro de 1857. Na década de 1850 já se proclama a "maior produtora de café do mundo", reconhecida também como a "Princesinha do Café" e posteriormente "Cidade dos Barões" pela grande quantidade de fazendeiros nobres ali residentes. Com o declínio da agricultura cafeeira a pecuária se impõe economicamente na

⁵ Associação de Folias de Reis de Vassouras, disponível em <<http://www.pontodecultura.rj.gov.br/PequenosFoliões>> acesso em 24 de janeiro de 2014.

região. Sobre esta prosperidade econômica Martins (2005, p.2)⁶ nos relata que a prosperidade econômica de Vassouras fê-la viver o glamour dos tempos áureos. A riqueza do ouro verde trouxe escolas, manufaturas, teatros, modistas, com destaque para as ruas Bonita, Direita e do comércio, políticos de expressão nacional e até Sua Majestade Imperial D. Pedro II. As benfeitorias públicas são conhecidas: dois chafarizes que amenizaram a falta de água na vila, a construção da Igreja Matriz e do Cemitério, a construção do prédio próprio da Câmara e da Cadeia, o melhoramento da praça da Concórdia (hoje Barão de Campo Belo), o melhoramento da estrada da Polícia e, não se poderia esquecer, a estrada de ferro D. Pedro II, mais tarde central do Brasil⁷

A autora, ao se referir aos aspectos arquitetônicos da cidade, ressalta a importância visual do casario pertencente aos barões, erguidos no núcleo central urbano, hoje tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Dois outros fatores contribuem para o enriquecimento cultural de Vassouras: a herança deixada por Eufrásia Teixeira Leite, em 1930, que doou a cidade o Hospital que leva seu nome, o Asilo Barão do Amparo, o Museu Casa da Hera e o Instituto Dr. Joaquim Teixeira Leite. Outro evento foi a implantação da Universidade Severino Sombra, instituição de ensino superior que ao atrair grande contingente de estudantes, transformou substancialmente o perfil da cidade, tornando-a o que denominam uma verdadeira "cidade universitária" com uma cultura peculiar que estabeleceu memórias afetivas que permutam vivências acadêmicas e vivências urbanas.

Em 1958, o IPHAN, por meio de um processo de tombamento (registro 566-T- de 26/06/1958) determinando assim a proteção do conjunto histórico, urbanístico e paisagístico da cidade, e em 24 de dezembro de 1984 é denominada Estância Turística⁸. Vassouras se encontra entre as cidades contempladas pelo Programa de Aceleração de Crescimento - PAC Cidades Históricas. É inegável que a preservação e conservação desse patrimônio sejam desejáveis e importantes, nem sempre se constituíram na mola propulsora para o investimento no potencial turístico da cidade. Conforme afirma Maria da Glória L. da Silva, no que se refere a tais iniciativas "a preservação continua a ser um desafio principalmente quando envolve bens arquitetônicos e a cidade" (SILVA, 2007, p.47). Tais ações, como explica a autora, podem constituir em alguns lugares, por conta de questões e de economia local e de infraestrutura, "um ônus indesejado" (SILVA:2007:p.47) e, para outros, até mesmo um impedimento de expansão urbana e desenvolvimento econômico. Justifica-se a qualificação de Vassouras como "estância" pelo seu passado de cidade que abrigou a elite do século XIX, onde podemos constatar que "a

⁶MARTINS, R.C.C. Memória do Povo: Patrimônio de Vassouras. Disponível em: <<http://www.uss.br/publicacoes/revistamosaico#caminhosDaHistoria>>. Acesso em: 04 jan.2013.

⁷ Ibid., nota 6.

⁸ Conforme consta no site do IPHAN: Monumentos e espaços públicos tombados: Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, Casa de Câmara e Cadeia (Prefeitura), Palacete do Barão do Ribeirão (Fórum, Residência da Misericórdia, Asilo Barão do Amparo), casas do Barão de Vassouras e do Barão de Itambé. Principais espaços públicos: praças Sebastião Lacerda, Barão de Campo Belo, Eufrásia Teixeira Leite, Cristóvão Corrêa e Castro; ruas Barão de Tinguá, Barão de Capivari, Custódio Guimarães, Guilherme Werneck, Barão de Massabará, e Barão de Vassouras; e Cemitério de Nossa Senhora da Conceição, entre outros. Casa da Hera (Chácara da Hera) - Atual Museu Casa da Hera. Construção da primeira metade do século XIX, onde viveu a família de Joaquim José Teixeira Leite e também a Fazenda Santa Eufrásia - Fontes Arquivo Noronha Santos/IPHAN/IBGE. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

paisagem urbana é marcada, sobretudo pelas construções suntuosas e pelos parques e jardins remanescentes do período imperial brasileiro” (SILVA, 2007, p.65).

Do conjunto de monumentos que compõem a cidade e constituem seu patrimônio histórico, impõe-se uma questão que é cara aos pesquisadores: a perpetuação da cultura local. Neste sentido, nos interessam duas questões já citadas, a implantação de estratégias de atração de visitantes, tornando aquele local um polo turístico e, paralelo a isto, a permanência de suas festividades e o estabelecimento de eventos espetaculares. No que se refere ao turismo, este surge como “única prática social que consome, fundamentalmente, espaço, sendo este consumo efetivado por meio da apropriação do espaço pelo turismo, ou seja, por meio das formas de consumo que se estabelecem entre o turista e o local visitado” (CRUZ, 2002, p.12). No caso de Vassouras, por exemplo, impõe-se a preservação e conservação de sua praça central (Fig.1) no sentido de que se torne uma paisagem sedutora para consumo e lazer sem que sejam desvirtuados seus elementos essenciais de tradição e memória.



Fig. 1. Praça Campo Belo.
Fonte: Foto/Arquivo da autora.

A cidade de Vassouras nos propõe um potencial turístico gerado por um patrimônio cultural que conta com dois séculos de existência, apresentando-se sem sombra de dúvida como um museu vivo a espera de visitantes. Ao se deparar com a imponente Praça Barão de Campo Belo, o visitante tem um caleidoscópio de imagens que ora se direciona a grande igreja matriz Nossa Senhora da Conceição, ao redor da qual se organizaram os primeiros moradores da antiga vila, de interior de beleza singular por seus vitrais, pinturas e murais; ora nos mergulham nas curvas de um singelo coreto ou acompanhando as calçadas e o extenso gramado que nos direciona a outros pontos de interesse de seu conjunto de casarios históricos.

Da Folia de Reis ao Festival do Vale do Café - Vassouras e suas festas

Nos estudos sobre festas, temos visões que na verdade são faces de uma mesma moeda. A festa como uma transgressão e ruptura do cotidiano, como estudaram Callois (1950), da Matta (1990) e Duvignaud (1983) e a festa como um acontecimento em que as regras sociais continuam a subsistir, sendo ela mesma a própria mentora destas regras, sem que

o cotidiano seja desfeito, como analisam Brandão (1989), Canclini (1983) e Heers (1987). A festa opondo-se ao cotidiano do trabalho e das obrigações nos oferece a um tempo lúdico de suspensão, o que nos aproxima da oposição lazer x trabalho. Mas a festa pode ser vista também como um conjunto de regras em esferas que se diferenciam e que conectam trabalho e festejar. Neste sentido, lazer e festa não se opõem e como analisa Rosa (2002, p.24) "como forma de lazer, a festa denota sentidos e significados diversos, como ordem, desordem, diversão, segurança, conflito, devoção, convivência, efervescência, gratuidade e espontaneidade". Ferreira (2005, pp.295-298), ao refletir sobre a questão do espaço e da festa, afirma que "mais importante do que a própria existência física do espaço é o modo como o espaço público é socialmente construído por meio de negociações que irão definir o seu uso apropriado e, por consequência, quem será excluído dele". E, sobretudo, um fator que define um evento festivo, o da tensão, Ferreira (2005, pp. 295-298) nos dirá que

[...] a tensão que define a festa pode ser entendida como um conflito pela hegemonia do discurso festivo. Conflito este que se instaura por meio de qualificações e desqualificações, de lembranças e esquecimentos, de enfrentamentos, enfim, que determinam e são determinados pelo espaço festivo (FERREIRA, 2005, pp.295-298).

Tais considerações nos proporcionam escopo para outro objeto, que são as festividades de Vassouras e suas concepções, no sentido em que são representações de memórias reelaboradas, como a Folia de Reis, mas também festas destinadas a atração de visitantes, profissionais e turistas, como o festival do café, ambas de ciclos anuais e já tradicionais no calendário da cidade. Da Folia de Reis, que ocorre no mês de janeiro, temos o cortejo tradicional composto de músicos, instrumentistas, cantores, dançarinos e palhaços que percorrem a cidade seguindo os passos da Bandeira em cortejo. O Festival do Vale do Café tornou-se, desde 2003, um evento fixo no calendário turístico da cidade de Vassouras, cujos objetivos, além de atrair turistas para a região e assim programar novos rumos ao desenvolvimento econômico da cidade, também tinham por foco construir uma grande celebração que reunisse música, história e natureza ao mesmo tempo em que se consagrava ao patrimônio histórico regional uma grande homenagem. Em 2013 este festival chegou a sua 11ª edição, conforme aponta o website Festival do Vale do Café:

[...] o Festival Vale do Café resgata fortemente o patrimônio imaterial, estimulando o amor à natureza e divulga o patrimônio histórico e arquitetônico abrangendo os diversos municípios da região do Vale do Café, num dos mais lindos recantos do Estado do Rio de Janeiro, no Vale do Paraíba. [...] Em fevereiro de 2010, o Festival Vale do Café recebeu o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro na categoria Empreendedorismo, promovido pela Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. A premiação foi concebida a partir da junção de três prêmios – Golfinho de Ouro, Estácio de Sá e Governo do Rio de Janeiro, onde através dela, o Governo do Estado reverencia e difunde a diversidade, a qualidade e a riqueza da criação cultural do Rio de Janeiro. Praças, igrejas e fazendas históricas – verdadeiros palacetes incrustados na Mata Atlântica – são o cenário das atrações do 11ª Festival Vale do Café⁹.

Temos aqui, portanto um exemplo de como o chamado "turismo festivo" pode ser administrado de maneira que reúna em sua concepção noções tais como propostas de

⁹ Festival do Vale do Café. com. Disponível em: <http://festivalvaledocafe.com/?page_id=80>. Acesso em: 20 jan. 2014.

preservação de patrimônio e divulgação da cultura local, aliado ao fato de que os eventos inseridos no roteiro englobam atividades diversificadas cujos atrativos são direcionados a públicos distintos, tais como jovens, músicos, pessoas da terceira idade e a própria população regional. Desta forma o que se pretende por "festa" torna-se "espetáculo" e ambas as formas prescindem de um sistema organizacional e de uma estratégia de permanência, que no caso deste festival, completam sua primeira década. Em sua organização encontraremos a participação do poder público, dos patrocinadores, da própria secretaria de cultura regional e dos indivíduos que, assumindo determinados papéis, atuam como mediadores entre a festa, o público e moradores. Retomando a questão do comportamento festivo e comportamento turístico, Maria Cristina Rosa afirma que, por um lado, a festa é uma atividade mobilizadora da atividade turística, que ocorre atendendo a diferentes interesses – histórico, rural, cultural, lazer, negócio, dentre outros -, ao atrair visitantes de lugares diversos, em períodos específicos, para o local de sua realização: por outro o turismo possui, dentre suas ações, um programa de atração e exploração, tendo a festa como produto turístico (ROSA, 2002, p.30).

Esta articulação entre festa popular e turismo nos leva a pensar na questão da identificação do homem com a cidade em que vive e para a qual planejará e adotará posicionamentos que evidenciem ligações não só com o patrimônio e seu legado cultural, mas a própria paisagem urbana, e certamente esta se configura no cenário do Festival do Vale do Café e nos eventos que incluem as fazendas coloniais onde ocorrem os concertos, saraus e visitas guiadas. Kevin Lynch ao analisar a identificação do homem com a cidade em que vive e, sobretudo à sua paisagem, afirma que certos lugares podem se tornar tão carregados de significados que constituem um poderoso foco de atenção justamente por estarem saturados de "uma longa história cultural e religiosa" (LYNCH, 1997, p.140). Ao chamar a atenção para o papel ambiental da paisagem, ele afirmara que "o ambiente conhecido por seus nomes e familiar a todos oferece material para lembranças e símbolos comuns que unem o grupo e permitem que os membros se comuniquem entre si" (LYNCH, 1997, p.143).

A identificação entre homem – paisagem – cidade vai se articular com a pertinência das tradições que se renovam e se reinventam (HOBBSBAWN: 2002, p.9), num movimento conjunto tão importante que termina por sustentar a continuidade com o passado. O festival do Vale do Café por si só já nos traz várias questões a serem observadas, tais como a sua espetacularização, a programação de cursos e oficinas, os desdobramentos culturais e sociais. Tendo como cenário e palco a cidade de Vassouras, fazendas do Vale do Paraíba e espaços públicos de outras cidades desta região; o evento traz uma espetacularização das atividades que já fazem parte do cotidiano turístico, tais como as visitas guiadas às fazendas que, durante o festival são acrescidas de apresentações de músicos, conjuntos folclóricos, grupos de corais entre outros. Também são transformados em palcos os espaços urbanos e interiores de igrejas, polarizando várias atrações do festival e atraindo simultaneamente turistas e moradores.

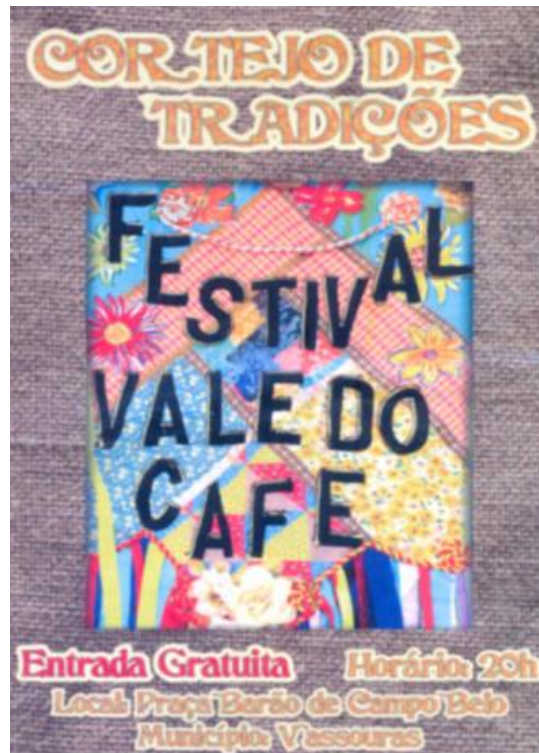
Guy Debord afirma que o espetáculo, em todas as suas formas, incluindo o consumo direto de divertimentos, constitui "o modelo atual da vida dominante da sociedade" (DEBORD, 2004, p.14), fato que podemos constatar, sobretudo em algumas festas urbanas como o Boi de Parintins na Amazônia e o desfile de Escolas de Samba no Rio de Janeiro. No que se refere ao turismo, o autor o define como "circulação humana considerada como

consumo" (DEBORD, 2004, p.112) resumindo-se apenas no "lazer de ir ver o que se tornou banal" (DEBORD, 2004, p.112), haja vista que a economia moderna se encarregaria de igualar os espaços. Nesse sentido, a espetacularização que buscamos encontrar no festival do Vale do Café contrapõe-se a esta banalidade a que se refere Debord e se reafirma pelo uso da paisagem local como cenário de celebração em que manifestações culturais de várias esferas são irmanadas numa extensa programação de eventos.

O Cortejo de Tradições – olhar, dançar, relatar – o trajeto de um espetáculo multifacetado

Em julho de 2014, esta pesquisa chega a uma de suas fases mais importantes: o acompanhamento do evento chamado Cortejo de Tradições, programado para acontecer em duas etapas no Festival do Vale do Café. O Festival reuniu um cronograma de eventos em 15 cidades, tendo como homenageado Dorival Caymmi pelo seu centenário de nascimento. Idealizado pela harpista Cristina Braga, teve inicialmente como diretor artístico o violonista Turibio Santos. Desde 2003 esse Festival vem passando por várias mudanças, tendo sido o seu polo difusor inicial a cidade de Vassouras, o que de imediato justificaria nosso interesse. Uma extensa programação composta por eventos gratuitos em praças públicas transformou a região desde o dia 08 até 24 de julho de 2014. Entre os eventos citamos recitais, apresentações de grupos de música clássica, camerata juvenil, Orquestra Sinfônica de Barra Mansa, lançamentos de livros e degustação de café e cachaça. As fazendas da região traçam uma programação paralela muito rica, embora não seja gratuita e tenha grande concorrência na busca pelos ingressos.

Em 2005, durante a terceira edição do Festival, o evento reuniu algumas manifestações populares no espaço da praça e até mesmo a torre da igreja com canhões de luz num roteiro teatralizado que buscava um grande impacto visual, nascia então o Cortejo de Tradições. O formato híbrido de cortejo único surgiria em 2007 com a experiência de criação de estandartes e fantasias por profissionais atuantes no carnaval do Rio de Janeiro. A prefeitura elaborou novo cartaz (Fig.02) para divulgação usando o estandarte tradicional.



**Figura 2 - Cartaz do Cortejo de Tradições.
Fonte: Prefeitura de Vassouras Folheto de divulgação.**

Cássia Frade nos ensina que “pela superposição de culturas, como de resto em todo Brasil, formou-se o variado e opulento folclore fluminense” (FRADE, 1979, p.12) sendo esta opulência formada pelas heranças de nativos indígenas, dos colonizadores portugueses, do contingente escravo africano, das etnias de emigrantes que no estado do Rio de Janeiro se fixaram, sobretudo alemães e suíços, e também dos habitantes de estados vizinhos. Com muita propriedade ela nos diz que “o Estado do Rio de Janeiro resume algumas regiões brasileiras, trazendo em si origens remotas ou próximas de outros pontos do país” (FRADE, 1979, p.12) salientando que o amálgama destas manifestações se consolidou numa cultura definitivamente fluminense. Tanto o festival do Vale do Café, como mais pontualmente o Cortejo de Tradições confirmarão amplamente estas constatações, sendo que do desfile participaram: Jongo de Pinheiral, Jongo Caxambu Renascer de Vassouras, Jongo do Quilombo São José, Jongo de Barra do Piraí, Jongo de Cachoeira do Arrozal, Capoeira Arte Rasteira, Maculelê, Abadá, Caninha Verde de Ferreiros, Êta Calango, Folia de Reis Estrela Guia, Folia de Reis Lázaro e Maria, Rezadeiras, Capoeira Libertação Negra e Calangueiros e Rezadeiras dos vários municípios e distritos da região do Vale. A ideia do cortejo único, de André Jacques Monteiro, que se tornaria interlocutor entre os organizadores e os grupos, foi aplicada em 2006 e aprimorada em 2007, contando inclusive com a confecção de figurinos e estandartes de Samuel Abrantes, professor do curso de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes/UFRJ e Sueli Gerhard, ambos renomados figurinistas. A experiência foi restrita apenas àquele ano, mantendo-se nos seguintes o planejamento do desfile, e ficando a cargo dos grupos a criação/manutenção de suas vestes e estandartes tradicionais, salientando-se que esta foi uma posição dos próprios grupos. Segundo Samuel

Abrantes, em depoimento dado a autora em agosto de 2014, os estandartes apresentados ainda são os mesmos e na primeira experiência foram elaboradas oficinas de costura para que os grupos participassem da confecção não só de estandartes, mas de elementos dos figurinos. Estas oficinas foram realizadas por dois anos, ficando para os grupos a herança dos estandartes e vestimentas. Decidimos acompanhar todas as etapas da ordenação do cortejo, desde a reunião na quadra do Instituto de Educação onde os integrantes fizeram breves ensaios. Ainda no momento dos ensaios, cada grupo com a média de vinte integrantes que trazia roupas e acessórios em bolsas, mochilas ou malas, ali mesmo na quadra trocava de roupa e já entabulava seus desafios e cânticos, numa mistura bem eclética e animada a qual se juntavam os cidadãos, os turistas e equipes de pesquisadores. Logo a quadra estava dividida em pequenos territórios que dialogavam entre si, sobretudo os grupos de folias, que nitidamente estabeleciam um esquema competitivo. Os organizadores munidos de roteiros chamavam os grupos para retornarem à rua, rumo ao Memorial Manoel Congo, processo que se daria em meio a brincadeiras, exibições de piruetas dos palhaços (Fig. 3) e rodopios das rezadeiras, entre outras atuações individuais ou de grupos (Fig. 4).



Figura 3 - Palhaço da Folia de Reis de Vassouras.
Fonte: Arquivo da autora.



**Figura 4 - Ensaio na quadra do Instituto de Educação.
Fonte: Foto/Arquivo da autora.**



**Figura 5 - Chegada dos grupos a ladeira da Praça Barão do Campo Belo.
Fonte: Foto/arquivo da autora.**

O Largo da Força abrigou no passado o pelourinho da cidade, onde eram enforcados negros como Manoel Congo, em 06 de setembro de 1836, por ter liderado uma rebelião de escravos, junto com sua companheira Marianna Crioula.¹⁰ Ambos ressurgem no Cortejo

¹⁰ Manoel Congo foi o líder de uma das maiores rebeliões de escravos que ocorreu na região do Vale do Paraíba do Sul. Não se sabe a data de seu nascimento, mas o registro de seu enforcamento, em 6 de setembro de 1836, é uma das mais importantes passagens históricas de Vassouras. Forte, habilidoso, de pouca fala e sorriso escasso, o escravo tinha (como a maioria dos negros trazidos da África) um nome português associado ao nome de seu país de origem, o Congo. Seu proprietário era o capitão-mor de ordenanças Manuel Francisco Xavier, dono de centenas de escravos e das fazendas Freguesia e Maravilha. Como era ferreiro, o ofício de Manoel Congo lhe dava status entre os outros escravos e valorizava seu preço entre os senhores. Ao lado da companheira, Marianna Crioula, liderou um grupo de 300 escravos, que saquearam fazendas e assassinaram seus feitores. Preso pelo oficial Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, o líder quilombola foi enforcado. Marianna e os demais rebelados que sobreviveram voltaram ao cativo e teriam recebido como pena, 650 açoites, parcelados

das Tradições sob a forma de gigantescos bonecos que fecham o desfile, acompanhados por outros personagens de sua história. O encontro dos grupos no Memorial do Congo sinalizava o momento de sua ordenação sob a forma de cortejo, para retomar a direção da Praça Barão de Campo Belo, procedendo assim a decida de tortuosas ladeiras. Não havia uma predefinição dos grupos ou hierarquização e a presença dos mesmos, como constatamos, era determinada por convites feitos aos mestres, cuja aceitação dependia dos interesses envolvidos e disponibilidade dos participantes. Da saída da quadra, as 19h30 até o retorno à Praça da Matriz passaram-se pelo menos 2 horas e meia, ou seja, às dez horas chegávamos a ponto de entrada para a praça. Durante a descida e caminhada foi possível identificar os grupos pelos estandartes, danças e cantos e, sobretudo, quando ao chegar na entrada da praça, cada grupo fazia uma parada num local especialmente iluminado (Fig. 5) para uma apresentação mais demorada.

Após estas apresentações a trajetória agora ascendente levava os grupos e o público em direção à ladeira que subiria para a Praça, diante da Matriz de Nossa senhora da Conceição. O posicionamento de cada grupo determinava pequenos territórios para suas apresentações, entre os quais o público circulava, acompanhando os ritmos e danças e cantando as diversas canções entoadas ininterruptamente. É importante ressaltar que além do impacto das diversas musicalidades ali interpostas, sobressaía-se o impacto visual, reforçando o caráter festivo daquele momento, importante pelo efeito obtido no público formado, sobretudo, por turistas.

Conforme afirma Maria Cristina Rosa "nas festas, as lentes dos turistas não se concentram apenas na arquitetura ou paisagem, são atraídas também por personagens, alegorias, fantasias, excentricidades, ou seja, elementos visual e esteticamente mais chamativos". (ROSA: 2002 p.35) A autora considera que o apelo da imagem importante para sedução tanto dos moradores, quanto dos visitantes de fora da cidade, valendo tanto para as manifestações em si, quanto para a festa como um conjunto de relações que vinculam significados e interesses prévios, articulados numa programação que em alguns casos, ruma para a espetacularização. A dinâmica da festa proposta pelo Cortejo de Tradições atende ao sentido da pluralidade do Festival do Vale do Café, sobretudo pelas apropriações que o Cortejo e sua permanência apresentam.

O espaço da praça tomado pelos grupos nos leva a pensar numa mercantilização motivada, sobretudo pelos objetivos de um planejamento turístico reconhecidamente necessário para a estabilidade econômica da região, ainda que dos quarenta eventos que compõem o festival do Vale do Café, trinta sejam gratuitos, e o retorno econômico seja gerado justamente por esta gratuidade, mas também pela atração que os eventos promovem no calendário estabelecido. Como afirma Rosa, festas como a Oktoberfest, o rodeio e o carnaval são manifestações que foram sendo cerceadas "por padrões de organização e administração orientados segundo princípios da indústria cultural" (ROSA: 2002, p.30), embora convivam com a lógica de mercado e, em suas trajetórias, consigam reformulá-la.

em três anos. Em Vassouras, o Memorial Manoel Congo, no antigo Largo da Força, homenageia o herói negro. Texto: Memorial Manoel Congo/Patrimônio Material Vassouras. Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/manoel-congo>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

O caráter espetacular do Festival do Vale do Café ainda pede análises, e o Cortejo de Tradições instiga pelo estabelecimento de desdobramentos possíveis, desde a análise de sua visualidade, como se comprova ao observarmos seus estandartes, mas também da compreensão das relações que se estabelecem entre seus agentes e os mediadores que ao longo de seu curto tempo de existência – pouco mais de dez anos – ordenam e negociam, a cada ano, sua permanência e vitalidade. Os estandartes a seguir apresentam o grupo Eita Calango (Fig.6) e Jongo Barra do Pirai (Fig.7).



**Figura 1 - Estandarte do grupo Calango, de Barra do Pirai.
Fonte: Foto/arquivo da autora.**



**Figura 2 - Estandartes do grupo Jongo, de Barra do Pirai.
Fonte: Foto arquivo da autora.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BANDUCCI JR, A.; BARRETO, M. (Org.) Turismo e identidade local: uma visão antropológica. São Paulo: Papyrus Editora, 2003.
- BARRETTO, M. Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento. Campinas, Papyrus, 2000.
- _____, Manual de iniciação ao estudo do Turismo. São Paulo: Papyrus, 2001.
- BRANDÃO, C.R. A Cultura na Rua. Campinas: Papyrus, 1989.
- CAILLOIS, R. O Homem e o Sagrado, Lisboa: Edições 70, 1950.
- COELHO, O.G.P. "Vassouras Patrimônio Nacional". In: FERNANDES, N.; COELHO, O.G.P. (Org.) História e Geografia do Vale do Paraíba. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, CREA-RJ, Prefeitura de Vassouras, 2013. p. 221-229.
- CANCLINI, N.G. As Culturas Populares no Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- DA MATTA, R. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DIAS, Renato. Sociologia do Turismo. São Paulo: Atlas, 2003.
- DEBORD, G. A Sociedade do espetáculo. Contraponto: 2004.
- DUVIGNAUD, J. Festas e Civilizações. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará: Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- FERREIRA, Felipe. Inventando Carnavais. O surgimento do carnaval carioca no século XIX e outras questões carnavalescas Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- FRADE, C. Folclore Brasileiro - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.
- GRABURN, N. et al. Turismo e Antropologia: novas abordagens. Campinas: Papyrus, 2009.
- HEERS, J. Festas de loucos e carnavais. Lisboa: Dom Quixote, 1987.
- LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HOBBSBAWN, Eric. A Invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- MARTINS, R.C.C. "Memória do Povo: Patrimônio de Vassouras" In: Mosaico Revista Multidisciplinar de Humanidades. Centro de Ciências Sociais e Aplicadas Universidade Severino Sombra. v.01, n.01:2010.
- Disponível em: <<http://www.uss.br/publicacoes/revistamosaico#caminhosDaHistoria>> . Acesso em 04 jan. 2014.
- ROSA, M.C. Festar na Cultura. In: ROSA. M.C. (Org.) Festa Lazer e Cultura. São Paulo: Papyrus, 2002. (Coleção Lazer/Fazer)
- SILVA, M.D.G. Cidades Turísticas - Identidades e cenários de lazer. São Paulo: Aleph, 2007.